



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

O /S/ pós-vocálico na fala carioca: uma análise dos falantes mais velhos de  
Copacabana

Rayssa Ferreira Nanini

Rio de Janeiro

2022

Rayssa Ferreira Nanini

O /S/ pós-vocálico na fala carioca: uma análise dos falantes mais velhos de Copacabana

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Francês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Danielle Kely Gomes

Rio de Janeiro

2022

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

Rayssa Ferreira Nanini     DRE: 116071947

O /S/ pós-vocálico na fala carioca: uma análise dos falantes mais velhos de Copacabana

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Francês.

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr. Danielle Kely Gomes – Presidente da Banca Examinadora

Departamento de Letras Vernáculas - UFRJ

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinatura dos avaliadores: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## FICHA DE CATALOGAÇÃO

### CIP - Catalogação na Publicação

N383/ Nanini, Rayssa Ferreira  
O /S/ pós-vocálico na fala carioca: uma análise  
dos falantes mais velhos de Copacabana / Rayssa  
Ferreira Nanini. -- Rio de Janeiro, 2023.  
35 f.

Orientador: Danielle Kely Gomes.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Francês, 2023.

1. Fonologia. I. Gomes, Danielle Kely, orient.  
II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por renovar meu ânimo quando me faltaram forças.

Aos meus pais Sueli e Oswaldo, que dedicaram suas vidas incansavelmente para que eu pudesse chegar até aqui. Por todos os esforços para me educar e me tornar o ser humano que sou hoje. Por serem minhas fontes inesgotáveis de amor e carinho. Serei eternamente grata por me ensinarem a não desistir, mesmo diante de todas as adversidades enfrentadas.

Às minhas irmãs e melhores amigas, Hayandra e Melissa, agradeço pela cumplicidade, lealdade e parceria. Pelo amor incondicional que compartilhamos.

À minha tia Marly, minha segunda mãe, pelo apoio dado ao longo de todos esses anos. Por sempre estar ao meu lado, me ajudando e incentivando em todos os meus sonhos e objetivos.

Aos meus sobrinhos Bernardo e Ana Luiza, que são meu combustível e força. Por tornarem minha vida mais leve e encherem meu mundo de cor e alegria.

Ao meu namorado e melhor amigo, Marcos Jorge, pelo incentivo e suporte. Por todo carinho compartilhado. Por ter acreditado em mim nas vezes em que não consegui acreditar.

Ao meu cunhado Leonardo, agradeço pela amizade e pelo apoio.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Danielle Kely Gomes, por toda a compreensão, apoio e amizade nessa fase decisiva da minha vida. Agradeço aos ensinamentos passados com tanta paciência e por estar sempre disponível nos meus momentos de dúvida, não somente no âmbito acadêmico como também no pessoal.

À minha melhor amiga Victória, por ser meu alicerce. Por compartilhar os mesmos medos, inseguranças e incertezas. Por nunca ter soltado minha mão. Por ter se tornado um dos meus portos seguros.

Aos professores que tanto me ensinaram ao longo de toda a minha trajetória na graduação, especialmente Pedro Paulo Catharina, Rodrigo Ielpo, Juliana Marins e Sérgio Baptista. Foi através das suas aulas (e fora delas) que entendi qual é o meu papel na vida dos meus futuros alunos: o do acolhimento.

Aos amigos que me acompanharam do início ao fim de todo esse processo, em especial à Ana Gilvani, Ana Carolina Leal, Daniele Zaudenone, Dayane Santos, Flávia Mariano e Matheus Rosário. Aos que chegaram na metade desse caminho, em especial a João Victor, Rayssa Rodrigues e Júlia Cataldo. Agradeço por terem contribuído na minha formação como docente, além de toda a troca acadêmica e de vida.

Aos amigos do setor de Audiovisual da Faculdade de Letras, em especial à Rebecca Fayão, Letícia Barbosa, Jade Hodara e Carlos Henrique, sou grata por tornarem do nosso trabalho um lugar tão descontraído. A Márcio Gomes, por ser o melhor chefe que poderíamos ter.

Aos amigos da vida não acadêmica, em especial à Lo Ruama Azevedo, por ter compartilhado comigo boa parte da vida, contribuindo, dessa forma, para minha formação como pessoa e Carlos Alberto Barros, por todos os momentos de escuta.

Por fim, aos meus amigos virtuais, em especial a Luka Matheus, Gisele Britto, Felipe Gomes, Alex Silva, Cauê Felipe, Fernanda Venger, Gabriela Miranda e Mylena Gorski, que durante todo o isolamento social me fizeram esquecer, mesmo que por alguns momentos, todo o caos que enfrentamos.

(...)

*extinto por lei todo o remorso,*

*maldito seja quem olhar pra trás,*

*lá pra trás não há nada,*

*e nada mais*

(...)

**Paulo Leminski**

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar o fenômeno da palatalização do /S/ pós-vocálico na fala de informantes residentes do município do Rio de Janeiro, mais precisamente do bairro de Copacabana, da faixa etária acima dos 56 anos. A partir de seis entrevistas, investigou-se o comportamento variável de todos os /S/ pós-vocálicos produzidos pelos falantes em gravações que foram retiradas do *corpus* relativo ao Português Brasileiro no âmbito do projeto *Corporaport* – corpora de variedades do Português em análise, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV-UFRJ). Demonstramos as condições para a produção do fenômeno correlacionando-o com fatores de natureza social (sexo e escolaridade) e de natureza linguística (segmento subsequente ao /S/, tonicidade da sílaba, número de sílabas do vocábulo, classe gramatical e vogal precedente ao /S/). Ao todo, foram analisadas 1.033 ocorrências. Assim, os resultados do presente estudo evidenciaram que os falantes mais velhos de Copacabana tendem a apresentar taxas de palatalização menores do que os jovens e adultos em outros estudos que se debruçam sobre a fala carioca. Dessa forma, este grupo etário ainda está em processo de generalização das variantes palatais.

**Palavras-chave:** /S/ Pós-Vocálico. Palatalização. Dialeto Carioca. Sociolinguística Variacionista.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	11
1.1 O /S/ pós-vocálico no Português Brasileiro .....	11
1.2 O /S/ pós-vocálico no dialeto carioca.....	13
1.3 A Sociolinguística Variacionista.....	14
<b>CAPÍTULO 2: OBJETIVOS E HIPÓTESE DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	16
2.1 Metodologia .....	16
<b>CAPÍTULO 3: RESULTADOS</b> .....	18
3.1 Variáveis sociais.....	21
3.1.1 A variável escolaridade .....	21
3.1.2 A variável sexo .....	23
3.2 Variáveis linguísticas .....	24
3.2.1 A variável segmento subsequente ao /S/ .....	24
3.2.2 A variável número de sílaba da palavra.....	26
3.2.3 A variável vogal antecedente ao /S/ .....	27
3.2.4 variável classe gramatical .....	29
3.2.5 A variável tonicidade da sílaba .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34

## INTRODUÇÃO

Muito já se sabe acerca das pronúncias do /S/ pós-vocálico no Português Brasileiro. Por conta do seu alto nível de variabilidade, o /S/ pós-vocálico já foi amplamente estudado, sendo constatado, dessa maneira, que este possui seis realizações fonéticas: as fricativas alveolares surda e sonora [s] e [z], as fricativas pós-alveolares surda e sonora [ʃ] e [ʒ], a variante aspirada [h] e a variante zero [ø] (BRITO, 2020). Esses trabalhos permitem compreender suas ocorrências e suas variações, podendo, também, estabelecer as restrições de ocorrência para essas variantes. No dialeto carioca, é possível perceber o processo de palatalização nessa pronúncia.

Neste trabalho, estuda-se o comportamento variável do /S/ pós-vocálico no contexto da fala carioca entre os indivíduos mais velhos, na faixa etária acima dos 56 anos. Debruçando-se sobre a Teoria da Sociolinguística Variacionista e em outros estudos da área, como os de Brito (2016), Hora e Pedrosa (2009), Callou; Brandão (2006), investiga-se em quais contextos as variantes palatalizadas se aplicam com maior frequência e quais são os condicionamentos linguísticos e sociais as favorecem ou não. O presente trabalho tem como objetivo investigar e ratificar a hipótese de que os falantes mais velhos da capital do Rio de Janeiro tendem a apresentar taxas de palatalização menores do que os jovens e os adultos.

Com o suporte do *software* R brul, foram analisadas as ocorrências de /S/ pós-vocálicos produzidas por falantes mais velhos da capital do Rio de Janeiro com o objetivo de investigar se esses tendem a apresentar taxas de palatalização menores do que os jovens e os adultos. No presente estudo, procuramos descrever e analisar o fenômeno de palatalização do /S/ pós-vocálico na fala de informantes cariocas, moradores de Copacabana, da 3ª faixa etária. Buscamos, ainda, entender quais são os fatores sociais e linguísticos que favorecem ou inibem a realização da variante palatalizada na fala dos informantes. As ocorrências foram recolhidas em gravações extraídas do *corpus* relativo ao Português Brasileiro no âmbito do projeto *Corporaport* – corpora de variedades do Português em análise, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV-UFRJ). Nesse contexto, analisa-se o comportamento do /S/ pós-vocálico diante das variáveis escolaridade, sexo, segmento subsequente, número de sílabas, vogal precedente, classe gramatical e tonicidade da sílaba.

O presente estudo encontra-se dividido em três capítulos: em (1) encontra-se a Revisão de Literatura, no qual estão inseridas as reflexões acerca do /S/ pós-vocálico no Português Brasileiro e, ainda, no dialeto carioca. Além disso, é nesse mesmo capítulo onde discute-se a Sociolinguística Variacionista, teoria na qual o trabalho está debruçado. Em (2), apresentam-se os objetivos, as hipóteses de investigação e a metodologia do trabalho. Em (3), discutem-se os resultados, ligando-os a outros estudos importantes da área. Em (4), apresentam-se as considerações finais, concluindo o trabalho com a confirmação ou não da hipótese inicial do trabalho.

## **CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA**

O objetivo desta seção é apresentar alguns estudos que foram a base para o presente trabalho, como os Brito (2016), Pedrosa; Hora (2009), Callou; Brandão (2006) e outros.

### **1.1 O /S/ pós-vocálico no Português Brasileiro**

Segundo Câmara Júnior (1970), as consoantes são classificadas de acordo com a sua posição na sílaba. São definidas, dessa maneira, as consoantes de início de sílaba ou de ataque, além das que ocupam o segundo elemento do ataque complexo e as que ocupam posição de coda. As consoantes que podem preencher a coda no Português são: /S/, /N/, /r/, /l/. Trataremos apenas do /S/ em posição pós-vocálica e como ele se comporta no Português Brasileiro e, ainda, no dialeto carioca.

A realização do /S/ pós-vocálico no Português Brasileiro vem, durante algum tempo, sendo objeto de estudo da Sociolinguística pelo seu alto nível de variabilidade. Ao longo de todos esses estudos, foi possível constatar que o /S/ pós-vocálico possui quatro variantes que representam suas seis realizações fonéticas: 1) a variante alveolar, que corresponde às fricativas alveolares surda [s] e sonora [z]; 2) a variante palatal, que representa as fricativas pós-alveolares surda [ç] e sonora [ʒ]; 3) a variante aspirada [h]; e por fim, 4) a variante zero [∅] (BRITO, 2020). Os trabalhos sociolinguísticos feitos até o momento descrevem com detalhes as ocorrências do /S/ pós-vocálico e suas variações nos falares ao redor do Brasil, podendo, dessa maneira, estabelecer estatisticamente a relação entre essas variantes e suas restrições (PEDROSA; HORA. 2009).

As distribuições dessas variantes podem ser caracterizadas pelas seguintes regras: são realizadas como [s] ou [ʃ] em final de sílaba seguidas de uma consoante surda ou em final de palavra; são realizadas como [z] ou [ʒ] em final de sílaba seguidas de uma consoante vozeada; ocorrem como [z] quando se encontra entre duas vogais; podem ocorrer como [ø] em final de palavra e, por fim, como [h] em meio de palavra e final de palavra, contudo as últimas duas variantes são vistas como estigmatizadas. (BRITO, 2016).

De um ponto de vista histórico, Teyssier (2001), Mattos e Silva (1996) e Cardeira (2006) enfatizam em seus trabalhos que a primeira referência à palatalização do /S/ implosivo consta em Verney (1746)<sup>1</sup>. É muito provável que por volta do século XVI, o s e z implosivos realizados como dentais-alveolares tenham passado a palatais no Português Europeu. Em contexto anterior às consoantes surdas e em final absoluto, há a realização da palatal surda [s] (PEDROSA; HORA, 2009).

Já no Português Brasileiro, não é possível saber se a pronúncia palatalizada é um fenômeno ligado ao dialeto padrão de Lisboa ou se foi um processo acontecido realmente aqui. Uma das hipóteses é a de que a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro no início do século XIX é possivelmente um fator que sugere que a realização palatal representa a adoção de uma norma de prestígio, que não estaria ligada ao falar da comunidade. Desse modo, a realização palatalizada do /S/, que era vista como uma pronúncia nobre por ter sido trazida pela realeza, era restrita somente ao dialeto carioca. No entanto, ela se estendeu também ao Nordeste, pois o falar carioca representava uma norma de prestígio para essa região (CALLOU; BRANDÃO, 2006).

Sendo assim, é possível dizer que o processo de palatalização, estudado tanto por uma visão sincrônica quanto diacrônica, é um processo ocorrido na evolução do latim ao português, sendo responsável também pelo aparecimento de novos fonemas consonânticos no Português Brasileiro (CALLOU; BRANDÃO, 2006).

---

<sup>1</sup> Verney é o primeiro autor a atestar o processo de palatalização desse som em algumas variedades do português falado no Brasil. Ele observa que, em algumas regiões do Brasil, o /S/ pós-vocálico é pronunciado de forma diferente do português falado em Portugal, sendo palatalizado após vogais e consoantes palatais. Sua obra é um importante marco na história da linguística portuguesa. Desde então, muitos linguistas e estudiosos da língua portuguesa têm se dedicado ao estudo desse fenômeno fonético, buscando entender as suas variações regionais, sociais e históricas, assim como a sua relação com outras variações linguísticas observadas no português falado no Brasil.

## 1.2 O /S/ pós-vocálico no dialeto carioca

Para além de sua beleza, a cidade do Rio de Janeiro se destaca das demais também pelo seu dialeto, que é, sem dúvidas, um dos mais prestigiados do país, tanto pelo fator histórico - como explicitado anteriormente -, quanto pelo fato de ser o mais utilizado pela mídia: a grande maioria das novelas e dos telejornais de nível nacional contribuem para a expansão da cultura e do dialeto carioca. Ainda que existam seis possíveis realizações fonéticas do /S/ pós-vocálico no dialeto carioca, sendo estas as fricativas alveolares surda [s] e sonora [z], a aspirada [h], a variante zero [∅], as fricativas pós-alveolares surda [ʃ] e sonora [ʒ] são as usadas com mais frequência pelos falantes cariocas, constituindo, dessa maneira, a marca do *carioquês* (BRITO, 2016). Os exemplos a seguir foram retirados das ocorrências analisadas ao longo deste trabalho:

### 1) Fricativa alveolar surda [s]:

[ 'elis 'foʁeʋ ]            eles foram

### 2) Fricativa alveolar sonora [z]:

[ uz 'arabiz ]            os árabes

### 3) Variante aspirada:

[ 'deuh 'mi 'livri ]            Deus me livre

### 4) Variante zero:

[ 'noizabrimu∅ 'esa ]            nós abrimos essa

### 5) Fricativa pós-alveolar surda [ʃ]:

[ 'noiʃ ke'remuʃ ]            nós queremos

### 6) Fricativa pós-alveolar sonora [ʒ]:

[ 'majʒ go'toze ]            mais gostosa

Há, atualmente, muitos estudos sociolinguísticos acerca do /S/ pós-vocálico no dialeto carioca. O pioneiro foi feito por Callou e Marques (1975), que analisou mais de 2.500 ocorrências, tendo como resultado a maioria esmagadora de palatalização (85%), variando de acordo com o nível de escolaridade, gênero e local de residência do falante. Outros estudos importantes são o de Scherre e Macedo (2000) e Callou, Leite, Moraes (2002).

Para além da cidade do Rio de Janeiro, há o estudo de Brandão (2008), que descreve a realização do S em coda silábica na fala popular do interior, sendo, dessa maneira, investigadas comunidades mais interioranas, ou seja, cidades menores, localizadas no interior do Estado. Brandão (2008) buscou compreender se as marcas da fala carioca são também produzidas no restante do Estado e quais são os fatores que implicam nas suas realizações, tanto extralinguísticos quanto estruturais. O estudo concluiu que a norma seria a realização da fricativa alveolar, embora também tenha sido observada a realização da palatalização, sendo esta última realizada mais frequentemente em locais mais urbanizados e entre os mais jovens. Esses estudos permitem não somente traçar um perfil sociolinguístico do falante carioca, mas também compreender o comportamento dessa variável e a influência dos fatores sociais e linguísticos sobre ela tanto na cidade do Rio de Janeiro, quanto no Estado.

### **1.3 A Sociolinguística Variacionista**

A Sociolinguística é uma das áreas da Linguística que estuda a relação entre língua e a sociedade na qual está inserida, contrapondo-se aos pressupostos teóricos estruturalistas que afirmam que uma determinada língua é um sistema homogêneo. Ou seja, a Sociolinguística enxerga a língua como uma estrutura sistemática, heterogênea e passível de mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968).

A Sociolinguística tem como objetivo estudar e compreender uma língua, seus sistemas e como suas mudanças se relacionam com processos variáveis sincrônicos nos quais fatores linguísticos e sociais estão ligados entre si (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968). Os estudos da Sociolinguística Variacionista postulam que uma língua é um sistema organizado e variável, e que essa variação é motivada por fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua - os fatores linguísticos, como

explicitado anteriormente, e também por fatores sociais, tais como escolaridade, sexo, idade e origem do falante (COELHO et al, 2015).

Toda variável linguística, isto é, toda estrutura do sistema que admite mais de uma possibilidade de realização, se comporta na comunidade através da alternância entre essas possibilidades, alternância essa condicionada por fatores de natureza estrutural e social. Todos os falantes de uma língua X podem lidar com essas variantes, independentemente do seu nível de escolaridade, mesmo quando elas estão em competição para uma futura mudança e, além disso, um mesmo falante pode ser capaz de usar diferentes variantes, dependendo do contexto da sua fala (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968).

Dessa maneira, podemos dizer que o foco da Sociolinguística é uma abordagem social na análise linguística e a visão de uma língua como heterogênea. Em resumo, a Sociolinguística se preocupa em estudar a relação entre a língua e a sociedade, a estrutura e a mudança dentro de uma determinada comunidade de fala.

Quando aplicada à discussão do /S/ pós-vocálico na fala carioca, a Sociolinguística se mostra relevante na medida em que permite uma análise mais aprofundada dos fatores que influenciam a realização ou não dessa consoante. Por exemplo, investigar como fatores sociais, como a idade, o gênero, a escolaridade e o nível socioeconômico, influenciam a realização do /S/ pós-vocálico em diferentes contextos linguísticos. Além disso, essa abordagem pode analisar como fatores linguísticos, como a posição na palavra, a vogal anterior ou posterior e o contexto fonético, também afetam a realização do /S/ pós-vocálico. Dessa forma, a Sociolinguística permite uma compreensão mais completa da realização do /S/ pós-vocálico na fala carioca, considerando as múltiplas variáveis que influenciam a escolha da forma linguística pelos falantes.

## CAPÍTULO 2: OBJETIVOS E HIPÓTESE DE INVESTIGAÇÃO

Existem inúmeros estudos no âmbito da palatalização do /S/ pós-vocálico no Português Brasileiro (sobretudo no dialeto carioca). Baseando-nos nos resultados de alguns desses estudos, o presente trabalho tem como objetivo investigar e ratificar a hipótese de que os falantes mais velhos da capital do Rio de Janeiro tendem a apresentar taxas de palatalização menores do que os jovens e os adultos. Nele, procuramos descrever e analisar o fenômeno de palatalização do /S/ pós-vocálico na fala de informantes cariocas, moradores de Copacabana, da 3ª faixa etária. Buscamos ainda, entender quais são os fatores sociais (escolaridade e sexo dos informantes) e linguísticos (vogal precedente, segmento subsequente, tonicidade da sílaba, classe gramatical, localização do /S/ na estrutura da palavra, informação morfológica e número de sílabas) que favorecem ou inibem a realização da variante palatalizada na fala dos informantes, traçando paralelos com outros estudos importantes da área. Além disso, por Copacabana fazer parte da Zona Sul do Rio de Janeiro, localidade na qual a interação sociocultural é mais acentuada (CALLOU; BRANDÃO, 2006), investigamos se esse grupo etário ainda está em processo de generalização das variantes palatais.

### 2.1 Metodologia

Como já explicitado, o estudo sociolinguístico está interessado em como a língua funciona em uso nas situações comunicativas, mais especificamente na fala do cotidiano. Para além do indivíduo, o mais importante é o grupo social (COELHO et al, 2015). Tendo isso em vista, é necessário que o *corpus* do trabalho seja construído com entrevistas em situações comunicativas reais, nas quais o entrevistado possa se sentir confortável com as perguntas, ou seja, que as perguntas feitas sejam sobre sua vida pessoal e profissional, para que o falante se sinta o menos monitorado possível. Essas entrevistas são transcritas na íntegra.

Neste trabalho, nos propomos a investigar o comportamento variável do /S/ pós-vocálico na fala carioca. Desse modo, foram ouvidas seis entrevistas com aproximadamente uma hora cada. O *corpus* deste trabalho é constituído por realizações do /S/ pós-vocálico produzidas por 6 informantes residentes de Copacabana, sendo 3 homens e 3 mulheres, pertencentes ao grupo etário dos



informantes com 56 anos ou mais. As entrevistas foram realizadas entre 2009 e 2011, e pertencem ao *corpus* relativo ao Português Brasileiro no âmbito do projeto *Corporaport* – Corpora de variedades do Português em análise. Esse projeto é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEV-UFRJ).. Dessas entrevistas, descartamos os 15 primeiros minutos (para que os dados sejam menos monitorados) e analisamos os dados dos 20 minutos subsequentes. Dessa maneira, recolhemos 1.535 dados no total. Em seguida, os dados obtidos foram analisados com o suporte do *software* R brul. Abaixo, no **Quadro 1**, estão as variáveis linguísticas e sociais analisadas como relevantes para esse estudo:

**Quadro 1 - Variáveis analisadas**

<p><b>Variáveis sociais</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sexo</li> <li>2. Escolaridade</li> </ol>
<p><b>Variáveis linguísticas</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Vogal precedente</li> <li>2. Segmento subsequente</li> <li>3. Tonicidade da sílaba</li> <li>4. Classe gramatical</li> <li>5. Localização do /S/ na estrutura da palavra</li> <li>6. Informação morfológica</li> <li>7. Número de sílabas</li> </ol>

É importante salientar que se excluíram das análises os dados de aspiração, apagamento e ressilabificação do /S/ em coda externa, já que a realização deste último nesse contexto é, categoricamente, a fricativa alveolar sonora [z]. Sendo assim, nosso corpus está composto por 1.033 dados.

### CAPÍTULO 3: RESULTADOS

O objetivo desta seção é apresentar os resultados que foram obtidos das análises dos dados coletados nas seis entrevistas através do *software* R brul. Das variáveis analisadas, o *software* selecionou como significantes para a ocorrência da palatalização as variáveis escolaridade, sexo, segmento subsequente, número de sílabas, vogal precedente, classe gramatical e tonicidade da sílaba. Iniciaremos as análises com um panorama geral das porcentagens de realização dos /S/ pós-vocálicos produzidos pelos informantes e, em seguida, apresentaremos os condicionamentos que favoreceram a palatalização do /S/ em coda.

A **Tabela 1**, a seguir, contém os índices gerais das produções do /S/ pós-vocálico pelos informantes.

**Tabela 1: Realização do /S/ posvocálico em Copacabana (indivíduos com 56 anos ou mais)**

<b>Variante</b>	<b>exemplo</b>	<b>Ap/T</b>
[s]	des <u>s</u> pencando [dispê'kẽdu]	209/1033 = 20,23%
[z]	os <u>s</u> barros [uz 'bařuØ]	80/1033 = 7,74%
[ʃ]	flore <u>s</u> ta [flo'ʃte]	585/1033 = 56,63%
[ʒ]	meu <u>s</u> neto [ 'meuʒ'ne.tu]	159/1033 = 15,39%

Fonte: elaboração da autora

Os resultados mostram que os informantes tendem a produzir o /S/ pós-vocálico majoritariamente como a variante palatalizada, como já postulado em estudos anteriores da área, como os de Callou, Leite e Moraes (2002) e Brito, (2016). Ou seja, no contexto de fala natural, 56,63% dos falantes dão preferência ao [ʃ], como em [flo'ʃte] <floresta>, além do [ʒ], como em [ 'meuʒ'ne.tu] <meus neto>, com 15,39% dos dados e que juntas correspondem a 72,02% dos dados, seguida de [s], com 20,23% dos dados e [z], com 7,74% das ocorrências.

O **Quadro 2** contém as variáveis selecionadas pelo *software* que se mostraram estatisticamente relevantes para o estudo.

**Quadro 2: Variáveis selecionadas pelo programa R brul**

<b>Variável</b>	<b><i>p-value</i></b>
Escolaridade	6.6e-109
Sexo	5.78e-68
Segmento subsequente	0.0116
Número de sílabas	0.0157
Vogal precedente	0.0316
Classe gramatical	0.0283
Tonicidade da sílaba	0.0139

Fonte: elaboração da autora.

Ao analisar a realização do /S/ pós-vocálico na fala do carioca, várias variáveis linguísticas podem ter um papel importante. Dos Reis (1992) observou que a escolaridade pode influenciar na realização do som, assim como Brandão (2008) também encontrou diferenças na realização do som entre indivíduos de diferentes níveis socioeconômicos. A influência do sexo na realização do /S/ pós-vocálico foi investigada por De Brito (2016), que encontrou que mulheres tendem a realizar o som com maior frequência do que homens. A vogal precedente também pode ter um papel

importante na realização do som, como apontado por Callou & Brandão (2006), que observaram que a vogal /i/ tende a favorecer a produção do S pós-vocálico.

O segmento subsequente também pode influenciar na realização do /S/ pós-vocálico, como indicado por Scherre & Macedo (1989), que observaram que a presença de certas consoantes, como /t/ e /k/, pode dificultar a realização do som. A tonicidade da sílaba também é uma variável importante, uma vez que a posição do /S/ em sílabas tônicas e átonas pode influenciar a sua realização, como apontado por Brandão (2008). A classe gramatical da palavra também pode ter um papel importante na realização do /S/ pós-vocálico, como observado por Dos Reis (1992), que encontrou diferenças na sua produção entre substantivos e verbos. Por fim, o número de sílabas da palavra também foi estudado por Dos Reis (1992), que verificou em seu estudo que palavras mais longas tendem a apresentar maior variação na sua pronúncia do que palavras mais curtas.

Dessa maneira, sete das nove variáveis postuladas foram selecionadas pelo *software*: as duas sociais e cinco das sete linguísticas. As mais relevantes para o estudo foram as sociais, como aponta o quadro. As linguísticas selecionadas foram o segmento subsequente ao /S/, tonicidade da sílaba, número de sílabas do vocábulo, classe gramatical e vogal precedente ao /S/, respectivamente. As variáveis localização do /S/ na estrutura da palavra e informação morfológica não foram selecionadas.

Para uma melhor análise dos resultados obtidos, as variáveis selecionadas pelo *software* serão demonstradas individualmente a seguir.

### **3.1 Variáveis sociais**

#### **3.1.1 A variável escolaridade**

As primeiras variáveis selecionadas foram as variáveis sociais escolaridade e sexo. O efeito da variável escolaridade sobre as amostras sinaliza o favorecimento da realização palatalizada do /S/ pelos falantes que possuem o nível 2 de escolaridade (até o Ensino Médio), seguido dos falantes que possuem o nível 1 de escolaridade (apenas o Ensino Fundamental), como mostra a **Tabela 2**. O resultado gerado pelo

*software* mostra que os falantes com escolaridade de nível 2 produzem a variável palatalizada praticamente em sua totalidade, com 99,6% dos dados.

**Tabela 2: Efeito da variável escolaridade dos informantes**

<b>variável</b>	<b><i>p-value</i></b>	<b>variantes</b>	<b><i>logodds</i></b>	<b>Apl/T</b>	<b>PR</b>
Escolaridade	6.6e-109	Nível 1	0.397	331/354 = 93,5%	<b>0.598</b>
		Nível 2	3.519	263/264 = 99,6%	<b>0.971</b>
		Nível 3	-3.916	150/415 = 36,14%	0.002

Fonte: elaboração da autora.

O peso relativo do nível 3, ou seja, os falantes que possuem Ensino Superior, mostrou-se muito distante dos níveis 1 e 2, portanto é possível afirmar que estes tendem a rejeitar as variantes palatalizadas. Esse resultado traz uma importante contribuição para o impasse sobre o assunto na literatura. Embora alguns estudos apontem para a maior frequência de palatalização entre os falantes cultos, como os de Callou, Leite e Moraes (2002), que apontaram a variante palatal como mais frequente entre os falantes cultos tanto na posição medial quanto na final, outros indicam o contrário, como os de Scherre e Macedo (1989: 169), o que sugere uma relação complexa entre escolaridade e uso de variantes palatalizadas. O resultado de que os falantes com Ensino Superior tendem a rejeitar essas variantes indica que a relação entre escolaridade e uso de variantes palatalizadas pode não ser tão direta

quanto se pensava. Além disso, sugere que outros fatores podem estar em jogo, como a idade, a origem geográfica e o grau de exposição às variantes palatalizadas. Essa conclusão reforça a importância de se realizar estudos mais detalhados e abrangentes sobre o assunto, a fim de se compreender melhor as complexidades envolvidas na variação fonética do português carioca.

### 3.1.2 A variável sexo

A seguir, na **Tabela 3** estão descritos os resultados da variável sexo dos informantes.

**Tabela 3: Efeito da variável sexo dos informantes**

<b>variável</b>	<b><i>p-value</i></b>	<b>variantes</b>	<b><i>logodds</i></b>	<b>Apl/T</b>	<b>PR</b>
Sexo	5.78e-68	Masculino	-2.36	202/478 = 42,25%	0.086
		Feminino	2.36	537/555 = 96,75%	<b>0.914</b>

Fonte: elaboração da autora.

De acordo com os resultados obtidos, é possível afirmar que as mulheres preferem as variantes palatalizadas, sendo 537 das 555 ocorrências realizadas com essa variante. Os homens tendem a rejeitá-la, tendo 42,25% das ocorrências realizadas com essa variante. O resultado do presente estudo diverge dos resultados obtidos por Callou & Marques (1975), que descreveu que a realização não-palatal é mais frequente na fala das mulheres que na dos homens, com 12% e 6% das ocorrências, respectivamente.

## 3.2 Variáveis linguísticas

### 3.2.1 A variável segmento subsequente ao /S/

A **Tabela 4** demonstra o resultado do efeito da variável segmento subsequente ao /S/, que poderia ser: pausa, nulo, vogais e consoantes do sistema fonológico do PB e ataque complexo.



Tabela 4: Efeito da variável segmento subsequente ao /S/

variável	<i>p-value</i>	variantes	Exemplo	<i>logodds</i>	Apl/T	PR
Segmento subsequente ao /S/	0.0116	Consoantes [-ant]	escoramento [i koɾɐ ˈmɛtu]	0.978	100/127 = 78,74%	<b>0.727</b>
		Consoantes [+ant]	meus pais [ˈmeu ˈpaɪ]	0.616	465/626 = 74,28%	<b>0.649</b>
		Ataques complexos	escrever [i kɾe ˈveɪ]	0.221	42/58 = 72,41%	<b>0.555</b>
		pausa	nós fomos [ˈnoɪ ˈfomuØ]	-0.700	134/211 = 63,05	0.332
		vogais	mas era [ˈmei ˈzɛɾɐ]	-1.115	3/11 = 27,27%	0.247

Fonte: elaboração da autora

De acordo com os resultados obtidos, é possível afirmar que as consoantes posteriores favorecem as variantes palatalizadas dentro do contexto subsequente ao /S/, com 78,74% dos dados. Em seguida estão as consoantes anteriores e os ataques complexos, com 74,28% e 72,41% dos dados, respectivamente. Os contextos de

pausa - como em [ˈnɔ̃ fomuØ] <nós fomos>, em que o falante produziu o /S/ pós-vocálico em nulo, e vogais - como em [ˈmɛiˈzɛɐ], em que o falante produziu o /S/ pós-vocálico como [z], bloqueiam a palatalização. Outros estudos, como o de Brito (2016) acerca das vogais em contexto subsequente ao /S/ já evidenciaram que este favorece a produção da variável [z], o que corrobora os resultados obtidos no presente trabalho.

### 3.2.2 A variável número de sílaba da palavra

A **Tabela 5**, abaixo, expõe os resultados do efeito da variável número de sílabas da palavra. Os resultados obtidos mostram que as palavras com 1, 2 e 4 ou mais sílabas, como em [ˈgá] <gás>, [ˈrĩku] <risco> e [ʒuˈtãˈmíti] <justamente>, com ~~peso~~ relativo de, respectivamente, 0.600, 0.588 e 0.538, favorecem a realização do /S/ pós-vocálico como variante palatalizada. Esses resultados corroboram os estudos de De Brito (2016) e de Scherre e Macedo (1989), que também verificaram que a variável palatalizada é mais frequente em palavras com uma ou duas sílabas.

**Tabela 5: Efeito da variável número de sílabas da palavra**

<b>variável</b>	<b><i>p-value</i></b>	<b>variantes</b>	<b>Exemplo</b>	<b><i>logodds</i></b>	<b>Apl/T</b>	<b>PR</b>
Número de sílabas	0.0157	1 sílaba	gás [ˈga]	0.407	196/274 = 71,53%	<b>0.600</b>
		2 sílabas	risco [ˈɾi ku]	0.356	257/320 = 80,31%	<b>0.588</b>
		4 ou mais sílabas	justamente [ʒu te ˈmɛti]	0.151	112/173 = 64,73%	<b>0.538</b>
		3 sílabas	dezesesseis [dize ˈsez]	-0.914	179/266 = 67,29%	0.286

Fonte: elaboração da autora.

Desses resultados, o que chama atenção é o fato de que as palavras com 3 sílabas tendem a bloquear a aplicação da regra, como em [dizeˈsez] <dezesesseis>. Não foi possível identificar ao certo quais fatores contribuíram para que isso ocorresse.

### 3.2.3 A variável vogal antecedente ao /S/

A **Tabela 6** apresenta os resultados do efeito da variável vogal antecedente ao /S/.

Tabela 6: Efeito da variável vogal antecedente ao /S/

variável	<i>p-value</i>	variantes	Exemplo	<i>logodds</i>	ApI/T	PR
Vogal antecedente ao /S/	0.0316	[a]	graças [ˈgrasɐz]	-0.879	65/116 = 56,03%	0.293
		[e, E]	tempestade [tɛˈpɛtadɐ]	0.950	43/62 = 69,35%	<b>0.721</b>
		[o, ɔ]	hospital [opɨˈtaw]	1.213	31/47 = 65,95%	<b>0.771</b>
		[i]	detalhes [deˈtaliz]	-0.357	434/543= 79,92%	0.412
		[u]	filhos [ˈfiːluø]	-0.928	171/265 = 64,52%	0.283

Fonte: elaboração da autora.

Os resultados indicam que os contextos que favorecem a realização de /S/ como consoante palatalizada são as vogais médias [e, E, o, ɔ], com peso relativo de 0.721 e 0.771, respectivamente. Já as vogais [a, i, u] tendem a bloquear a aplicação da regra de palatalização. Esses resultados divergem dos encontrados por Callou e

Marques (1975), que verificaram que a vogal /i/ é uma das vogais que mais favorecem a produção da variável palatalizada, assim como Brandão (2008), que também encontrou resultados similares, destacando que a vogal /i/ favorece a realização deste som.

### **3.2.4 A variável classe gramatical**

De acordo com os resultados obtidos, as classes gramaticais que favorecem a produção da palatalização de /S/ pós-vocálicos pelos informantes são os advérbios, os numerais e os nomes (compreendidos como substantivos e adjetivos), como mostra a **Tabela 7** a seguir.

Tabela 7: Efeito da variável classe gramatical

variável	<i>p-value</i>	variantes	Exemplo	<i>logodds</i>	Apl/T	PR
Classe gramatical	0.0283	advérbios	depois [de'poj]	0.565	56/63 = 88,88%	<b>0.638</b>
		numerais	duas ['duɐ]	0.637	25/37 = 67,56%	<b>0.654</b>
		nomes	empregos ['pɛgu]	0.317	392/549 = 71,40%	<b>0.579</b>
		palavras funcionais	mas ['meiz]	-0.191	177/256 = 69,14%	0.452
		verbos	usávamos [u'zavemuz]	-1.328	94/128 = 73,43%	0.209

Fonte: elaboração da autora.

Em contrapartida, as palavras funcionais (compreendidas como preposições, conjunções, pronomes e artigos) e os verbos são contextos que resistem à palatalização do /S/ pós-vocálico.

### 3.2.5 A variável tonicidade da sílaba

Os resultados obtidos sobre o efeito da variável tonicidade da sílaba podem ser observados na **Tabela 8** a seguir.

**Tabela 8: Efeitos da variável tonicidade da sílaba**

<b>variável</b>	<b><i>p-value</i></b>	<b>variantes</b>	<b>Exemplo</b>	<b><i>logodds</i></b>	<b>Apl/T</b>	<b>PR</b>
Tonicidade da sílaba	0.0139	átona	mistura  [mi' tu.ɾe]	0.537	409/562 = 72,77%	<b>0.631</b>
		tônica	mesma  [m' ez.mə]	-0.537	341/471 = 72,39%	0.369

Fonte: elaboração da autora

É possível afirmar que as sílabas átonas são mais favoráveis à palatalização, enquanto as tônicas tendem a rejeitar a aplicação dessa regra. Esse resultado vai de encontro aos estudos de Brito (2016), que concluiu que as sílabas átonas parecem favorecer as variantes palatalizadas [j] e [ʝ]. Em contrapartida, os estudos de Scherre e Macedo (2000) verificaram que as sílabas tônicas com /S/ no meio de palavra favoreciam a ocorrência de palatalização mais do que as átonas. As ocorrências de /S/ em sílabas tônicas no final de palavra favoreciam o aparecimento da variante aspirada. Sendo assim, segundo os resultados obtidos pelas autoras, os contextos tônicos não favoreceram a regra de palatalização, como postulado no presente trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se analisar se os falantes mais velhos da capital do Rio de Janeiro - mais precisamente os de Copacabana - apresentam taxas de palatalização maiores ou menores que os grupos mais jovens. A partir dos resultados apresentados na seção anterior, foi possível identificar que esse grupo etário ainda está em processo de generalização das variantes palatais. Esse resultado ratifica os resultados encontrados pelo estudo de Scherre e Macedo (2000), que indicaram que os mais jovens são os que mais realizam a variante palatalizada. O estudo de Rodrigues (2001) também confirma essa hipótese, já que seus resultados indicaram que “os mais jovens são os implementadores da regra, que é menos produtiva à medida que aumenta a idade dos falantes.” Em Dos Reis (1992), a palatalização também foi mais frequente nos grupos mais jovens.

Para a investigação, controlaram-se as variáveis sociais escolaridade e sexo e as variáveis linguísticas vogal precedente, segmento subsequente, tonicidade da sílaba, classe gramatical, localização do /S/ na estrutura da palavra, informação morfológica e número de sílabas da palavra. Entretanto, o *software* não definiu como relevante para a palatalização do /S/ as variáveis localização do /S/ na estrutura da palavra e informação morfológica.

No que tange à variável escolaridade, foi possível observar que os falantes com Ensino Superior tendem a rejeitar as variantes palatalizadas. Esse resultado vai ao encontro dos resultados encontrados por Scherre & Macedo (1989: 169), que também concluiu que as palatalizadas eram mais utilizadas por falantes menos escolarizados. O estudo de Callou, Leite e Moraes (2002), porém, teve como resultado a variante palatalizada como utilizada mais frequentemente pelos falantes cultos.

O estudo revelou que as mulheres têm maior tendência a realizar as variantes palatalizadas do que os homens, o que coincide com os resultados encontrados por Callou e Marques (1975), que também observaram maior frequência de realização palatalizada na fala feminina. Os resultados do presente estudo também vão ao encontro dos encontrados por Dos Reis (1992), que sugeriu que as mulheres usam mais palatalizadas do que os homens.

No âmbito das variáveis linguísticas, o efeito da variável segmento subsequente ao /S/ mostrou que as consoantes posteriores favorecem as variantes palatalizadas, seguida das consoantes anteriores e os ataques complexos. Já nos



contextos de pausa, a tendência é de bloqueio das palatalizadas. O contexto subsequente *vogal* já foi discutido em outros estudos, como o de Brito (2006), que evidencia que este favoreceu a produção da variável [z], que corrobora os resultados presentes neste trabalho. No que diz respeito à variável número de sílabas da palavra, o que chamou a atenção no resultado foi o fato de que as palavras com 3 sílabas bloquearam a aplicação da regra de palatalização. As palavras com 1, 2 e 4 ou mais sílabas favoreceram a realização palatalizada do /S/.

Os resultados acerca da variável vogal antecedente ao /S/ indicaram que as vogais médias [e, E, o, ɔ] favoreceram a realização palatalizada de /S/ e as vogais [a, i, u] tendem a bloquear. Já nos resultados acerca da variável classe gramatical, a produção da palatalização ocorre em maior parte nos advérbios, numerais e nomes (substantivos e adjetivos). Por fim, os resultados sobre os efeitos da variável tonicidade da sílaba mostraram que as sílabas átonas são mais favoráveis à palatalização, ratificando os resultados obtidos por Brito (2016).

Sem dúvidas, há muitas questões acerca do processo de palatalização do /S/ pós-vocálico na fala carioca. O presente trabalho, entretanto, pode contribuir para uma melhor compreensão acerca dessa variante nos falantes mais velhos de Copacabana, que ainda se encontram em processo de generalização das variantes palatais.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Variação em coda silábica na fala popular fluminense. **Revista da ABRALIN**, 2008.
- DE BRITO, Edvan Pereira. The Variation of Post-Vowel–S in the Portuguese Dialect of Rio de Janeiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 1, p. 139-151, 2016.
- CALLOU, Dinah; BRANDAO, Sílvia. A palatalização no português do Brasil. **Linguística**, v. 18, p. 57-73, 2006.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo (s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. **Gramática do português falado**, v. 8, p. 537-555, 2002.
- CALLOU, Dinah; MARQUES, M. H. O-s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. **Littera**, v. 4, p. 9-137, 1975.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARDEIRA, Esperança. **História do português**. Lisboa: Caminho, 2006.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DOS REIS, Isaias Ribamar Magalhães. **Palatalization and retraction in Cariocan Portuguese**. 1992. Tese de Doutorado. University of Kansas, Linguistics.
- HORA, Demerval da; PEDROSA, Juliene Lopes. Ribeiro. Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica. In: Silvana Soares Costa Ribeiro; Sônia Bastos Borba Costa; Suzana Alice Marcelino Cardoso. (Org.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009, v. , p. 111-128.
- MATTOS E SILVA, Rosa. Virgínia. **O português arcaico: fonologia**. São Paulo: Contexto, 1996.
- RODRIGUES, Sandra Helena A. O–S pós-vocálico na fala da região Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro. **Rio de Janeiro: UFRJ (Dissertação de Mestrado)**, 2001.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. **Relatório final à FINEP–Projeto: Mecanismos Funcionais do uso Lingüístico**. Rio de Janeiro. UFRJ. Convênio FINEP-UFRJ, 1989.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira T. Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -S pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: MOLLICA; Maria Cecília; MARTELOTTA, Mário Eduardo T. (Org.). **Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações – FL/UFRJ, p. 52-64, 2000.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Empirical foundations for a theory of language change**. University of Texas Press, 1968.